

SEM LIMITES PARA ENSINAR



Vencendo a madrugada

Às 5 horas a servente Lucilene Santana deixa sua casa em Alto Caldeirão, a 20 quilômetros da sede de Santa Teresa, rumo à Escola da Serra do Gelo, onde chega às 6h15. Quando o dia amanhece ela já está caminhando na mata. Sua rotina é semelhante a de outros profissionais que madrugam para chegar às escolas rurais em todo o Estado.



“Tenho medo de enfrentar uma estrada pouco movimentada, sozinha. Há uma mata no caminho. Já houve assaltos”

MARIA DO CARMO SCÁRDUA

PROFESSORA DA ESCOLA FAZENDA DA LAPA, EM SÃO GABRIEL DA PALHA. GASTA R\$ 450,00 POR MÊS COM TRANSPORTE

Professores, funcionários de escolas, alunos e pais enfrentam dificuldades, mas mostram que, pelo ensino, tudo vale a pena

A EDUCAÇÃO QUE VAI AONDE O ALUNO ESTÁ

VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

Quando o dia amanhece, Lucilene Santana já está vencendo a estrada com sua bicicleta. A longa jornada inclui ainda três quilômetros a pé, em meio à mata. É ela quem abre a porta de uma pequena escola – onde cuida da limpeza e da merenda –, encravada no alto da Serra do Gelo, interior de Santa Teresa, Região Serrana.

Lá estudam 14 crianças e só uma não é pomerana. Alguns acordam antes das 5 horas para enfrentar a estrada. Quem pode vai de bicicleta ou de moto, como a professora Rosângela Jastro. Quando chove, até o transporte escolar enfrenta dificuldades. “O jeito é vir de motocross”, conta a educadora.

SUPERAÇÃO

É assim que a Educação chega aos cantos mais remotos do Estado. Com alunos, professores e serventes superando obstáculos. São estradas de chão, longas distâncias, falta de material, transporte escolar que deixa a desejar e até animais. “Meu avô viu onça por



Rosângela Jastro recebe seus alunos (abaixo), que chegam andando à Escola da Serra do Gelo, em Santa Teresa

aqui”, conta o pequeno Elenilson Eglit, de 8 anos, aluno da Serra do Gelo.

O que surpreende é que apesar de todas as adversidades estas escolas vêm obtendo bons resultados. Na avaliação promovida pela Secretaria Estadual de Educação (Sedu) no ano passado – que mediu o desempenho dos alunos,



aliado ao esforço da equipe – dentre as 20 melhores, 13 eram do campo.

A campeã foi a Escola da Fazenda Lovo, em São Gabriel da Palha. À frente dos 17 alunos está Altair Loss. Com poucos recursos e uma disposição de fazer inveja, ela conseguiu superar até colégios de Vitória. Parte do seu segredo é es-

tar na unidade há 26 anos. “Moro ao lado da escola e já dei aula para os pais dos meus alunos”, conta.

É essa experiência que a ajuda educar sem a presença de computadores ou internet. “Uso o que temos, de joguinhos a elementos do dia a dia das crianças”, conta a professora que assiste aos jornais com os alunos explicando as notícias. “Para que tenham uma visão crítica”, acrescenta.

ORIGEM

Filhos de pequenos agricultores, cuja renda ultrapassa em pouco o salário mínimo, muitos destes alunos nunca visitaram a sede de sua cidade. “Estamos pensando até em fazer uma excursão”, revela Maria do Carmo Scárdua, professora da Escola Fazenda da Lapa, localizada há 20 quilômetros de São Gabriel da Palha.

A eles o ensino até a 4ª série é oferecido em uma só sala de aula, partilhada por crianças de várias séries. De acordo com o Censo Escolar, 1.238 dessas escolas são municipais. Com o Estado estão 124, onde o professor tem ainda que cozinhar e fazer faxina.

FOTOS: VITOR JUBINI



Educa, faxina e cozinha

Antes de começar as aulas na Escola do Córrego do Limoeiro, em Montanha, a professora Elma Figueiredo faz a faxina da sala, com a ajuda dos seus alunos. Nas últimas semanas vem contando com o apoio das mães que passaram a se revezar na produção da merenda para as crianças. As escolas do Estado não contam com servente.



“Meu irmão é muito pequeno para andar sozinho. Minha mãe fica com medo e eu o acompanho”

JOABE DA COSTA

IRMÃO DE GABRIEL BARRETO, 6, ALUNO DA ESCOLA FAZENDA DA LAPA, SÃO GABRIEL DA PALHA. MORAM A UNS TRÊS QUILOMETROS DO COLÉGIO



Na escola da professora Altair Loss, em São Gabriel da Palha - que obteve o melhor desempenho no Estado -, os alunos aprendem matemática brincando

A exceção acontece onde há apoio da comunidade. Como em Córrego Limoeiro, Montanha, Norte do Estado. Por lá as mães se revezam na cozinha. “Era difícil dividir meu tempo entre o fogão e a sala”, desabafa Elma Figueiredo, a professora que agora têm mais tempo para os alunos, alguns com dificuldades de leitura.

PRECARIEDADE

Em todo o país, as escolas rurais vivenciam um cenário de precariedade. Faltam biblioteca (70%), internet (92%), computador (66%) e televisão, videocassete ou DVD (56%). Foi o que revelou pesquisa da

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, feita em 2010.

Situação que a própria Sedu reconhece existir em suas unidades. Um diagnóstico revelou ainda problemas que vão de telhados comprometidos ao abastecimento de água por poços artesanais. “Vamos reformar todas”, garante Paulo Aragão, gerente de Planejamento da Sedu.

Até que isso ocorra, o que tem valido é a criatividade dos professores, que espalham pela sala todo tipo de informação. “Aquifizemos o canto da ciência”, conta Ana Carolina Silva, 11 anos, aluna em Montanha, mostrando os insetos armazenados

CONQUISTA

77,47

de IDE
Desempenho da Escola da Fazenda Lovo na avaliação feita pelo Estado

5,0

de Ideb
Nota de Santa Teresa no índice que avalia a educação básica, em 2009

em vidros de conserva.

Outro desafio que essas escolas enfrentam é manter as portas abertas. Há especialistas em Educação que afirmam que, na última década, 1.500 foram fechadas.

Na maioria dos casos, os alunos foram transferidos para a cidade, o que representa “uma desvalorização da cultura do campo”, como pondera Maria do Carmo Paoliello, professora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e especialista em gestão e políticas educacionais. Algo que os pais nem sempre aprovam. “Gosto que meu filho estude perto de casa”, diz Mar-

li Medina, mãe de uma aluna de Montanha.

Alguns municípios, como Santa Teresa, estão tratando de mudar essa situação. Por lá há investimentos previstos para as escolas rurais, como a implantação da educação infantil. Uma vantagem já é garantir a presença de servente nas escolas. Como Lucilene, que se derrete em cuidados com alunos da Serra do Gelo. “São como filhos”, diz.

ESPERANÇA

Para outras comunidades a esperança reside na permanência do professor por mais de um ano. Um exemplo é a Escola Fazenda da Lapa, em São Gabriel da Palha.

Lá a dificuldade de leitura dos alunos é um dos sintomas da troca constante de educadores não efetivos.

Mesmo sem saber se ficará na escola, a professora Maria do Carmo Scárdua arregaçou as mangas por um cenário melhor. Mudou métodos de alfabetização, convocou pais e comunidade. Quer mostrar que, com um pouco de esforço, as escolas rurais podem oferecer um bom ensino. “Tão bom quanto o da cidade”, garante Carminha.

agazeta.com.br

/cidades. Veja vídeos com a rotina da Escola Rural de Córrego Limoeiro, em Montanha, Norte do Estado e galeria de fotos.